# O Valor dos Jesuítas

**Arnaldo Arantes**

(Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo)

Pamplona estava sitiada por tropas francesas! A população espavorida desejava capitular, não obstante os esforços inúteis de um fidalgo biscainho, Comandante da Praça, que a altos brados condenava a covardia de todos. Percebendo, porém, a inutilidade de suas súplicas, com alguns soldados destemidos abandonou a cidade, encerrando-se numa fortaleza, convencendo-os com o exemplo de sua coragem, de que era preferível a morte à desonra de uma rendição.

A fortaleza foi assaltada e o assalto foi repelido tendo o chefe valoroso feito prodígios de heroísmo. Mas, ah! fatalidade! Uma das balas ricocheteando nas muralhas da fortaleza quebrou as duas pernas do valente capitão. Caído o chefe, desmoronou a coragem dos soldados

Passada a fortaleza às mãos dos inimigos, êstes respeitaram no vencido o valor sempre glorioso na vitória e no revez, e, com tôdas as honras, foi o ferido levado para o solar de sua família.

Chamava-se êle Inácio e o solar era da ilustre Casa de Loyola. O castelo dos Loyolas ia ser o teatro de um drama, cujo epílogo devia influir nos destinos da humanidade.

Para Inácio de Loyola — homem de 31 anos de idade — nada valia além do fulgir da sua espada, da glória das batalhas e os sorrisos das mulheres belas.

Agora, abandonado no seu leito, esperava que os rijos ossos das suas pernas se soldassem.

Remediado o desastre, não pela cirurgia da época, porém, pelo poder da natureza, viu Loyola que uma fatal desigualdade entre as duas pernas recém-soldadas lhe embaraçava os passos, desaprumando para sempre o garbo no andar.

Chamou os médicos e propôs que lhe rompessem de novo os ossos para ser submetido a nova intervenção a fim de recobrar tôda a harmonia.

Sorrindo — Loyola — suportou aquela horrível operação e esperou. Esperou o enfêrmo noites longas e dias intermináveis!

Às vezes ouvia um clarim distante; era a passagem de alguns guerreiros que Loyola adivinhava cavalgando na poeira da estrada, em busca das batalhas e da glória!

Certa vez pediu livros para ler. Não havia os romances de cavalaria, nem tampouco as interessantes proezas de Galéas que poderiam prender a atenção do espírito guerreiro prostrado.

Deram-lhe para ler a Vida de Cristo e a Vida dos Santos.

Descobriu êle nessas vidas a extraordinária verdade até então cerrada aos seus olhos: a da felicidade dos Santos em todo o rigor dos seus sacrifícios e da sua superior ventura em tôda a dureza dos seus sofrimentos. Êsse prodígio sem nome era o seu espanto. "Seriam de pedra ou de bronze êsses Santos, seriam êles insensíveis a tantos tormentos? perguntava a si mesmo Loyola. E se eram homens como eu, por que não poderei fazer o que êles fizeram?"

Êste foi o grande drama de Loyola.

Uma bala o prostrara. Entrara ferido e vencido no Castelo de Loyola como um simples capitão; saiu um general predestinado a convocar, reunir, ordenar e levar à batalha da fé um exército imortal.

A obra de Inácio de Loyola foi a fundação da Companhia de Jesus. E a fundação da Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola, nada mais é que a continuação do Apostolado Católico que tem a origem nas sagradas palavras de Jesus Cristo, quando disse a alguns pescadores:

"Segui-me que vou tornar-vos pescadores de homens".

(Vinite ad me et ego faciam vos fieri piscatores hominium).

E apesar de todos os revezes a sua obra tem perdurado. Também tem resistido a todos os seus triunfos, o que não é caso de menor admiração, porque, nas coisas humanas, o sucesso sem luta e os fáceis despojos da vitória comprometem mais as instituições do que a contrariedade que lhes vem da competência com os adversários.

Assim, convencido de que o objetivo da vida é conhecer a Deus, amá-lo e servi-lo, Loyola traça o caminho — o aperfeiçoamento das almas.

Percorrera as escolas de Barcelona, as Universidades de Acalá, de Salamandra, de Paris, atravessou fronteiras para ouvir os mais afamados professôres, pois naquele tempo não se aprendia a prazo fixo como em nossos dias. Estudava-se nas Universidades e, enquanto havia vontade, estudava-se indefinidamente: o estudante viajava e atravessava fronteiras para ouvir um professor afamado. Os estudantes eram, por assim dizer, internacionais e a ciência não conhecia exclusivismo.

E, mais tarde em Paris, Loyola encontra os companheiros de que necessitava: Pedro Lefévre, de Genebra; Francisco Xavier, fidalgo navarrês, orador brilhantíssimo e professor de filosofia; os espanhóis Laynes, Salmeron e Bobadilla e o fidalgo português Simão Rodrigues de Azevedo.

Em 15 de agôsto de 1534, na capela de Montmartre, reuniram-se aquêles homens para consignar numa cerimônia religiosa a deliberação de trabalharem pela reforma do mundo.

Foi celebrante da memorável missa Pedro Lefévre, o único sacerdote dentre êles.

Atravessava-se uma época agitada. O Protestantismo invadia a Europa. A Inglaterra renegara Roma. As doutrinas de Zuinglio alastraram-se pela Suíça, Sabóia e Piemonte. O Calvinismo espalhava-se pela França. A religião católica periclitava e a sua reação deveria surgir da reunião de Montmartre.

Três anos após, Inácio e seus companheiros, já sacerdotes, pregavam nas ruas das cidades do norte da Itália, curavam os doentes nos hospitais e refutavam os princípios da religião luterana, tornando-se assim conhecidos em Roma.

Em 1538, diante do Papa Paulo III solicitaram a aprovação da Companhia de Jesus, apresentando as bases da nova ordem. as quais, submetidas ao juízo dos cardeais, foram rejeitadas

Dispersa Loyola os companheiros, enviando-os para pregarem novamente nas cidades do norte da Itália, e o resultado foi magnífico! Lefévre regenerou a cidade de Parma; Laynes obteve o mesmo em Placência; Rodrigues de Sienna e Bobadilla em Nápoles. E êsse grande sucesso fêz com que D. João III pedisse ao Papa que enviasse a Portugal alguns dos companheiros de Inácio para evangelizar nas Índias Orientais.

Seguiram para Lisboa Francisco Xavier e Simão Rodrigues.

Foi então que o Papa, reconhecendo os grandes serviços prestados por Inácio de Loyola e seus companheiros, erigiu a Companhia em ordem religiosa, aprovando o seu nome e a sua forma em 27 de setembro de 1540.

Eis em síntese como se processou a fundação da Companhia de Jesus, da qual fazem parte os Jesuítas que tanto influíram na povoação e na catequese do Brasil, no período de 1549 até 1760.

E nesse espaço de tempo o grande trabalho dos Jesuítas revela-se pela missão humanitária, política e social.

Na catequese e no ensino procuravam transformar os aborígenes num povo livre, trabalhador, cristão, desejando para os mesmos uma civilização idêntica à portuguêsa, o que muito concorreria para o cruzamento das raças.

Nesse labor a cristianização toma vulto.

Assim, quando Anchieta, em 1553, chegou ao Brasil, já missionário sob a direção de Nóbrega, Francisco Pires e Aspilcueta Navarro, na Bahia; Afonso Braz, no Espírito Santo; Leonardo Nunes, em São Vicente e Antônio Pires, em Pernambuco, tinha então os mesmos evangelizado avultado número de silvícolas.

O exercício da benemerência é prestado pelos modos mais diversos, pelas múltiplas necessidades.

Vemo-lo a construir casas e igrejas, a fundar colégios, a cristianizar, a sustentar famintos, a curar enfermos, a resgatar cativos, a enterrar os mortos, exercendo assim as funções mais variadas.

Venceram distâncias consideráveis, levantaram povoações

sob os maiores sacrifícios, dilataram fronteiras, arrostando a natureza com todos os imprevistos. E êsse farol que ilumina todo êsse passado é, sem dúvida, a catequese. São encontrados desde o norte, entre os Tupinambás, Pochiguaras, Mamayanazes, Tupiniquins, até no sul entre os Tamoyos, Guayanazes, Tupis, Carijós e Guaranis.

Nesse cortar incançável dos nossos sertões, o Pe. João Aspilcueta Navarro chega a perfazer 800 léguas, igualando-se ao andarilho Pe. Leonardo Nunes, cognominado pelos índios de Abarebebé — o padre que voa.

Na defesa do nosso território temos Nóbrega junto a Estácio de Sá na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Ainda contra os franceses no Maranhão e no Amazonas, vemos os Pes. Manuel Gomes e Diogo Nunes. E na expulsão dos holandeses, salienta-se o Pe. Lopo do Couto ao lado de Antônio Moniz.

E essa plêiade de missionários é incansável na prática da caridade. Assim atesta o exaustivo trabalho durante a epidemia de varíola em 1565 na Capitania do Espírito Santo, onde os Pes. Diogo Jácome e Pedro Gonçalves desempenharam as missões de médicos, enfermeiros, padres, coveiros, etc. . E pelo excesso de trabalho chegaram a cair de fraqueza, quando procediam o enterramento de defuntos.

E, em 1584, por ocasião das doenças contagiosas que assolaram a Bahia, Ilhéus, Pôrto Seguro e Rio de Janeiro, as mesmas dedicações assinalaram o desvêlo do jesuíta.

Foram benfeitores incansáveis em prol da nacionalidade que se esboçava. Um fato que demarca honrosamente a nobre missão do jesuíta no Brasil é o estabelecimento de colégios, ao mesmo tempo que fundavam cidades e algumas vêzes precediam como sucedeu em São Paulo.

E o aproveitamento dos alunos era o reflexo da dedicação dos mestres. E êsses colégios abrangiam nas nossas classificações atuais o curso primário, secundário e superior.

Nesse mister o nome do Pe. José Anchieta não pôde ser olvidado.

A instrução, cimentava-a êle com a noção de Deus, único fundamento inabalável de tôdas as coisas. Escutai uma de suas

lições, assim poèticamente refletida nesta belíssima página de Melo Moraes Filho:

"A escola dos índios. Aos muros, painéis religiosos; em tôda a extensão da sala, troncos deitados de árvores, servindo de bancos. Anchieta ocupa uma cadeira, e escreve, na areia de um taboleiro, as letras do alfabeto, que os discípulos repetem em voz alta. Depois da última, suspendendo o ramo florido com que as traçara, diz:

*Agora, vamos, filhos,*
*findar vossa lição;*
*primeiro é o trabalho*
*depois a refeição.*

*O A—B—C da carta*
*sabeis a me encantar,*
*passastes adiante...*
*já ides soletrar.*

*As letras conhecendo*
*juntá-las bem é ler:*
*começa por um nome*
*que vós deveis saber.*

*Porque tanto arruído?*
*Silêncio, filhos meus ?*
*Escrevo e dito as letras:*
*D—E—U—S ?...*

OS ÍNDIOS

*Deus!...*

***

Cita o Pe. Luís Gonzaga Cabral, anotações suas, do Pe. Fernando de Macedo e de Vilhena de Moraes, a seguinte lista de alunos célebres dos Jesuítas no Brasil:

*Historiadores*: Frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pitta e Francisco de Sousa, o maravilhoso autor do "Oriente Conquistado", todos três alunos dos Jesuítas na Bahia; e o grande cronista dos Bandeirantes, Pedro Taques, discípulo da Companhia no Rio.

*Catedráticos*: o Dr. Miguel Luís Teixeira e o carmelita Frei Antônio da Piedade, estudantes do Colégio de Jesus na cidade do Salvador.

*Poetas*: Gregório de Matos, Bernardo Vieira Ravasco, Soares da França, todos três do Colégio da Bahia; Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Manoel Inácio da Silva Alvarenga, o Pe. Caldas, Nunes da Silva, José Basílio da Gama e Santa Rita Durão, discípulos da Companhia no Colégio do Rio de Janeiro.

*Juristas*: José Monteiro de Noronha, do Colégio do Pará e Alexandre de Gusmão, primeiro ministro de D. João V, do Colégio de Santos.

*Cientistas*: Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o iniciador da aviação, aluno do Seminário de Belém da Cachoeira, e Monteiro da Rocha, a figura primacial da Faculdade de Matemática em Coimbra, de quem Pombal teve que lançar mão para dar verdadeiro relêvo à Universidade reformada, foi aluno do Colégio do Rio de Janeiro; o conhecido polígrafo Antônio Ribeiro dos Santos foi discípulo dos padres no Seminário de Nossa Senhora da Lapa — Rio de Janeiro.

*Oradores*: Botelho do Rosário, do Colégio de Pernambuco; Frei Manuel Rodrigues, do Seminário de Belém da Cachoeira; Apresentação Campelo, do mesmo Seminário; o Pe. João Calmon, do Colégio da Bahia; o Pe. Antônio da Fonseca, do de Pernambuco; Inácio Moreira, Lourenço Ribeiro, Antônio de Oliveira, Fernandes de Azevedo, Eusébio de Matos e Oliveira Serpa, todos do Colégio da Bahia; e finalmente um nome que vale por todos: o grande Pe. Antônio Vieira que, tendo vindo para o Brasil na idade de 8 anos, tôda a formação literária e científica recebeu dos Jesuítas no Colégio de Jesus, da Bahia.

Com razão conclui Vilhena de Moraes que bastaria o nome de Vieira para cobrir de glória os Colégios dos Jesuítas, ainda quando outros vultos não houvessem produzido da grandeza dos que acima nomeamos.

Temos, pois, o jesuíta no progresso social desempenhando o papel de educador e formador de carácter.

E assim, a defesa do território, os povoados, marcos milenários das estradas de penetração, o apoio aos governadores, a ação pacificadora, o professor, o sacerdote, o médico e o operário, formam os grandes cursos da vida moral e intelectual do nosso país, que repousam sôbre a sólida base da povoação do Brasil, cuja fôrça primordial foi o Jesuíta!

Glória, pois, ao fundador da Companhia de Jesus: Inácio de Loyola.